

## Mobilidade humana e circularidade de ideia

Diálogos entre a América Latina e a Europa

editado por Luis Fernando Beneduzi e Maria Cristina Dadalto

# Brasileiros em Portugal e nos Estados Unidos

## Semelhanças e diferenças nos dois destinos

Sueli Siqueira

(Universidade Vale do Rio Doce, Brasil)

Maria Lucinda Fonseca

(Universidade de Lisboa, Portugal)

Mauro Augusto Santos, Patrícia Falco Genovez

(Universidade do Vale do Rio Doce, Brasil)

Patrícia Falco Genovez

(Universidade Vale do Rio Doce, Brasil)

**Abstract** Presents the migratory experience of Brazilians in Portugal and the United States putting in Brazilian narratives relief in post-crisis period 2008. In this period along with increased enforcement action by immigration agents in the United States there was an expansion in the sense of fear and insecurity undocumented. This situation had as an ingredient in both destinations, the economic crisis and with it the loss of jobs and, for many, the return to Brazil.

**Sumário** 1 Introdução. – 2 Estados Unidos e Portugal. O início do fluxo. – 3 Os emigrantes e seus destinos. Quem são eles e por que migram? – 4 A vida no destino. Trabalho e lazer. – 5 Retorno e permanência. – 6 Estados Unidos e Portugal. Semelhanças e diferenças. – 7 Considerações finais.

**Keywords** International migration. Economic crisis. Portugal. United States.

## 1 Introdução

Os dados do Censo (2010) apontam os Estados Unidos e Portugal como os principais destinos dos emigrantes brasileiros. É na década de 1960 que tem início o movimento dos primeiros emigrantes brasileiros, localizados na cidade de Governador Valadares, com destino aos Estados Unidos em busca de trabalho. Esses primeiros migrantes foram pontos iniciais de uma rede que deu sustentação ao um fluxo intenso nos anos de 1980.

Fonseca e McGarrigle (2014) destacam que, até os anos de 1980, imigrantes brasileiros em situação regular em Portugal estavam em torno

---

### Diaspore 7

DOI 10.14277/6969-122-5/DSP-7-7

ISBN [ebook] 978-88-6969-122-5 | ISBN [print] 978-88-6969-123-2 | © 2017

de 10% do total de estrangeiros; no entanto, no final dos anos de 1990 e início do século XXI, esse percentual aumentou para 25%. Atualmente os brasileiros constituem o maior grupo de estrangeiros em Portugal.

Muitos emigram, fazem poupança, retornam e fazem investimentos produtivos em suas cidades de origem, conseguindo melhorar sua situação econômica. Outros retornam e investem; contudo, por várias razões, não conseguem permanecer e acabam por retornar à condição de emigrante (Siqueira 2009).

Em que se distingue e se assemelham esses dois fluxos? A partir de dados coletados nos Estados Unidos - Connecticut e Massachusetts - e Portugal,<sup>1</sup> com a aplicação de 120 entrevistas formais e 23 entrevistas em profundidade em cada um dos destinos, e 120 entrevistas formais e 23 em profundidade na origem (Região de Governador Valadares), buscou-se compreender, neste artigo, os fatores que definem o destino, as diferenças e semelhanças no que diz respeito ao projeto migratório, à inserção no mercado de trabalho e ao retorno ou à permanência.

Inicialmente apresentamos uma retrospectiva histórica do início do fluxo de brasileiros para os Estados Unidos e Portugal, seguida de uma discussão sobre o perfil desses migrantes, mostrando também como vivem e suas perspectivas e projetos, e o efeito da crise em seus projetos de retorno ou permanência, destacando as semelhanças e diferenças desses dois destinos.

## **2 Estados Unidos e Portugal. O início do fluxo**

Os primeiros emigrantes laborais da região de Governador Valadares que partiram rumo aos Estados Unidos datam da década de 1960. Estudos realizados por Siqueira, Assis e Campos (2010) demonstram que um dos elementos que propiciaram o início do fluxo foi o intercâmbio de estudantes da Escola de Inglês fundada em 1960 pela esposa de Mister Simpson, Dona Geraldina Simpson.

Richard Simpson, conhecido na região como Mister Simpson, era um dos engenheiros americanos que chegaram a Governador Valadares em 1942, para trabalhar na ampliação da Estrada de Ferro Vitória a Minas. Findas as obras, todos os trabalhadores americanos deixaram a cidade; contudo, a família Simpson aqui permaneceu, tornando-se personagens importantes na vida social e política da cidade. Abriram uma escola de inglês e estabeleceram o intercâmbio cultural com os Estados Unidos. Ao retornarem, os primeiros intercambistas relataram as grandes possibilidades de trabalhar

---

1 Banco de dados da pesquisa «Ligações Migratórias entre a região de Governador Valadares e Portugal», financiada pelo programa CAPES/FCT, Edital 021/2012.

e ganhar dinheiro naquele país. Com base nessas informações, dezessete jovens emigram com visto de trabalho na década de 1960. Eram de classe média alta, tinham o segundo grau completo e estavam na faixa etária de 18 a 27 anos. Esses primeiros emigrantes davam o suporte necessário para os que desejavam emigrar e foram os primeiros pontos da rede que se espalhou por toda a região, configurando, ao longo das décadas seguintes, um fluxo migratório que marcou e ainda marca o território de origem e de destino (Siqueira, Assis, Campos 2010).

Podemos considerar que esse fato foi um elemento importante na configuração do fluxo; contudo, não podemos desconsiderar outros fatores, como o contexto histórico e econômico da região de origem e de destino. Na década de 1960, a cidade e a região estavam em plena decadência econômica. A pouca perspectiva de trabalho e renda na origem e a possibilidade de trabalho com ganhos superiores aos locais, no mercado de trabalho secundário, nos Estados Unidos, sustentaram e ampliaram esse fluxo, formando redes sociais que minimizavam os constrangimentos da emigração, tanto para os que emigravam com visto de trabalho quanto para os irregulares.

A crise econômica que se abateu sobre a economia brasileira na década de 1980 estimulou ainda mais a emigração. Segundo Soares (1995), a segunda metade dessa década configura-se, pela primeira vez, um fluxo de movimento de brasileiros para os Estados Unidos, que foi denominado de *boom emigratório*. Ao longo dos anos, esse fluxo tem sido contínuo, com algumas reduções e crescimentos em função das crises econômicas na origem e destino.

Até a década de 1980, a emigração do Brasil para Portugal era pouco expressiva, sendo que, em 1981, segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), apenas 4.349 brasileiros dispunham de autorização de residência em Portugal. A partir de meados dessa década, teve início a chamada *primeira vaga* da migração brasileira para Portugal, constituída por profissionais na área do marketing, informática, saúde (especialmente dentistas) e outros trabalhadores altamente qualificados que acompanharam o aumento do investimento brasileiro em Portugal, verificado após a entrada de Portugal para a Comunidade Econômica Europeia, em 1986 (Malheiros 2007).

Nos anos de 1990, emergiu uma nova *vaga migratória*, com um crescimento muito rápido, constituída principalmente por trabalhadores com baixos níveis de qualificação, dos setores da hotelaria e alimentação, construção civil e trabalho doméstico, ou seja, no mercado de trabalho secundário.

### 3 Os emigrantes e seus destinos. Quem são eles e por que migram?

Segundo os dados do Censo 2010, os brasileiros emigraram para 193 países do mundo, sendo que os principais destinos foram: Estados Unidos (23,8%), Portugal (13,4%), Espanha (9,4%), Japão (7,4%), Itália (7%) e Inglaterra - Reino Unido - (6,2%). Diferentemente dos Estados Unidos, em Portugal os brasileiros são hoje a maior população estrangeira a residir legalmente.<sup>2</sup>

Os dados coletados nos permitem destacar que tanto nos Estados Unidos quanto em Portugal há um equilíbrio entre homens e mulheres, que, em sua maioria, emigraram jovens, na faixa etária de 18 a 40 anos. Em relação à escolaridade, as diferenças não são significativas, possuindo, em sua maioria, entre 8 e 12 anos de escolaridade.

A maioria dos entrevistados - EUA (82%) e Portugal (66,7%) - emigrou apenas uma vez. Destaca-se que, dentre os entrevistados que emigraram para Portugal, 33,3% emigrou mais de uma vez, sendo os Estados Unidos o destino anterior da maioria deles. Esses dados nos permitem considerar que as dificuldades de entrada nos Estados Unidos, dentre outros fatores, redirecionaram o destino desses emigrantes, como pode ser observado no relato de Mario,<sup>3</sup> que, por não se adaptar ao seu território de origem, opta por uma nova emigração para Portugal:

depois que cheguei, não conseguia nada [...], trabalho pra ganhar merreca [ganhar pouco] eu não queria, voltar era difícil, pela fronteira é caro e não queria mais não, então tinha meus primos em Cascais aí resolvi tentar. [...] não é a mesma coisa, mas é melhor do que lá [Brasil, Mantena]. (Mário, 32 anos, Portugal)

A possibilidade de melhorar as condições econômicas foi a principal motivação para emigrar, tanto para os que seguiram o fluxo dos Estados Unidos (58%) quanto para Portugal (46,8%). Outros apontaram como principal motivo encontrar ou acompanhar familiares. Este é o motivo indicado por 20,7% dos que emigraram para Portugal e apenas 1,2% dos que emigraram para os Estados Unidos. Esses dados nos dão um indicativo de que a emigração para Portugal tem um caráter mais familiar, quando comparada com a que se destina aos Estados Unidos.

Nos dois destinos, as redes sociais, que envolvem amigos e parentes, foram fundamentais para a realização do projeto migratório. Entre os emi-

2 Serviço de Estrangeiros e Fronteiras 2008.

3 Para preservar a identidade dos informantes, todos os nomes utilizados no artigo são fictícios.

grantes, em Portugal, 66,7% declararam que conseguiram seu primeiro trabalho através de contato com conhecidos e, entre os emigrantes nos Estados Unidos, 68,2% fizeram a mesma declaração.

Apenas 4% do grupo de emigrantes analisado estava desempregado ou passando por situação de privação dos bens essenciais à vida. Mas a falta de perspectiva de melhorar suas condições econômicas e a percepção da possibilidade de realizar seus projetos de consumo em um tempo menor do que se permanecessem na origem, foram os principais motivadores do movimento migratório. As redes sociais são componentes importantes desse processo, pois, através delas, circulam as informações sobre o local de destino e a indicação de todos os passos para emigrar, além do acolhimento na chegada.

#### 4 A vida no destino. Trabalho e lazer

Nos Estados Unidos, a maioria (43,7%) residia com conhecidos, amigos ou cônjuges de relacionamentos estabelecidos no destino. Em Portugal, 46,8% do grupo estudado residia com a família nuclear que emigrou junto ou com a qual se encontraram no destino, o que indica uma migração familiar. Apesar disso, é interessante destacar que 28,8% afirmaram ter deixado filhos no Brasil.

Tanto nos Estados Unidos como em Portugal, os emigrantes do grupo estudado trabalhavam no mercado secundário, em uma jornada diária de 10 a 12 horas em média. As principais atividades eram: serviços domésticos, construção civil e setor de alimentação.

O lazer é um aspecto que diferencia os dois grupos, como pode ser observado no relato de Margarida e de Elena.

É vergonhoso falar, mas eu nessa idade nunca tinha ido ao cinema (risos), verdade! Aqui que eu vou com as amigas [...] lá num tem, e nunca animei ir a Valadares. (Margarida, 45 anos, Portugal)

[...] nossa, aqui eu viajo muito. Já fui em Paris, Londres, Madri, Salamanca. Isso sem falar aqui em Portugal. Sintra, Cascais, conheço tudo [...], lá num tinha isso, nem pensava nisso. [...] É mais fácil, mais barato. (Elena, 38 anos, Portugal)

Margarida trabalha 10 horas por dia em um restaurante em Cascais, mora na periferia da cidade e considera que sua vida é bem melhor em relação à que vivia na sua cidade de origem. No Brasil, trabalhava como empregada doméstica e não conseguia ganhar o suficiente para o sustento da família, dependendo da ajuda de amigos e parentes. Como Margarida, muitos outros emigrantes brasileiros que saíram de uma condição econômica

precária, passaram a ter acesso a bens e serviços que não tinham em sua cidade de origem. A experiência de viverem em uma cidade com acesso, mesmo que esporádico, a bens que muitas vezes nem tinham conhecimento de que existiam, torna, na opinião dos entrevistados, a qualidade de vida superior que em seus locais de origem.

Em relação às dificuldades de viver no país de destino, destaca-se que 28% dentre os que emigraram para Portugal e 27% dos que emigraram para os Estados Unidos afirmaram que a saudade do país e das pessoas é a maior delas. Conseguir emprego, mais recentemente devido à crise na economia, foi considerado por 29% dos entrevistados que emigraram para Portugal e 23% para os EUA como empecilho para realizar seu projeto migratório. Destaca-se que a falta de documentação (35%) e o não domínio da língua inglesa (31%) foram as maiores dificuldades relatadas pela maioria dos entrevistados que se destinaram aos EUA.

Para 17% dos que emigraram para Portugal e 4% para os EUA, o preconceito do nativo em relação ao brasileiro foi apontado como um dos constrangimentos que dificultam a vida no destino. O não entendimento da língua pode ser uma das barreiras para perceber o preconceito. No relato de Ananda, que viveu a experiência migratória nos dois lugares, podemos constatar isso.

Lá [EUA] eu trabalhava muito, não saía, tinha medo da Imigração, era só ouvir uma sirene que já fica nervosa [...] não conseguia ler e fica, assim, tudo é difícil [...]. Aqui é tudo mais tranquilo, é como se estivesse no Brasil. [...] preconceito eu num lembro não [...] sempre fui tratada com educação. Os americanos, sabe, são muito educados [...], portugueses não, xinga e grita. [...] brasileira aqui tem fama ruim, umas vinheram e fizeram coisas erradas aí todas levam a fama [...]. (Ananda, 45 anos, Portugal)

As principais atividades de trabalho entre os homens nos dois destinos são na construção civil e em restaurantes; entre as mulheres, no serviço doméstico. Em Portugal, a maioria (88,3%) dos entrevistados trabalhava para portugueses. Já nos Estados Unidos, 68% trabalhavam para brasileiros. Em Portugal, a renda era de 400 a 800 euros mensais (50,5%). Já para os que se destinaram aos Estados Unidos, a renda mensal era entre 1.500 a 3.500 dólares mensais (49,7%).

A crise econômica e financeira reduziu não só o valor das horas de trabalho como também a disponibilização de postos de trabalho. Nesse sentido, a rotatividade aumentou, o trabalho fixo ficou mais escasso e as atividades esporádicas e com salários menores passaram a ser aceitas. O relato dos emigrantes Eliseu e Euler, nos dois destinos, demonstra essa consideração.

Quando cheguei estava bom, trabalhava em dois empregos e consegui guardar um pouco, mas agora estou só fazendo bicos [...] tá difícil, a sorte é a Madá ainda ter o trabalho dela, senão sei o que ia ser não. Num quero voltar ainda, mas tá difícil ficar. (Elizeu, 52 anos, EUA)

Tem dois anos e meio que tô sem contrato, só fazendo alguns serviços quando aparece. Viver da segurança social não é fácil, voltar pro Brasil num tem jeito, como? Vou viver do que lá? Minha vida tá toda aqui [...]. Tô conseguindo trabalho em Londres e vou pra lá agora, depois a Jaque vai com as crianças. (Euler, 38 anos, Portugal)

É interessante destacar que, para alguns, a crise afetou pouco o seu cotidiano. Alcides residia em Portugal e planejava retornar para o Brasil. Ele era proprietário de um salão de beleza masculino. Possuía uma casa, um sítio e um salão de beleza no Brasil. Esses bens foram adquiridos depois que emigrou. Com o fechamento de muitos salões e o retorno de cabeleireiros brasileiros, devido à crise, passou a ter mais clientes e propostas de trabalho para permanecer em Portugal. Jonatas, apesar das dificuldades enfrentadas com a crise nos EUA, considerava que retornar seria muito mais difícil:

estou ganhando mais do que ganhava antes e agora trabalho parte do dia no meu salão [...] e outra no salão do português. A proposta foi com muita vantagem, não deu pra recusar. [...] é assim, tá bem melhor agora [...]. Aí como volto? Tá tudo pronto, mas vou ficando por isso. (Alcides, 40 anos, Lisboa)

Não tá fácil [...].Tinha duas casa, perdi uma, a melhor, mas tenho essa, não consigo mais alugar o *basement* [...]. Muita gente foi embora [...], mas eu tô ficando, tô conseguindo manter meu negócio e minha mulher também. Diminuiu muito, mas tá dando pra levar. [...] pensei em voltar sim, mas a dificuldade lá vai ser maior que aqui, num tenho nada lá. (Jonatas, 54 anos, EUA)

## 5 Retorno e permanência

O desejo de retornar, como afirmam Sayad (2000), Hall (2003) e Margolis (2013), está circunscrito no projeto migratório. Porém, como no caso de Jonatas e Alcides, retornar ou permanecer depende de vários fatores. A conquista de bens, os contatos e relações mantidas e as possibilidades concretas de reinserção em atividades produtivas no local de origem são fatores que pesam na decisão de retornar. Por outro lado, as relações de amizade, a presença da família e principalmente de filhos que nasceram e

criaram no destino, e as condições de trabalho e renda são fatores que pesam na decisão de permanecer.

Entre os entrevistados que viviam em Portugal, 42,3% não pretendiam retornar para o Brasil. Entre os que viviam nos Estados Unidos, esse percentual era de 34%. As razões eram diversas e bem explicitadas nas entrevistas em profundidade, podendo ser destacadas: a conquista de qualidade de vida que não tinham na origem; o estabelecimento de laços afetivos no destino, através do casamento e constituição de família; e a impossibilidade de retornar em melhores condições econômicas.

Dentre os que tinham um projeto claro de retorno – 66% dos entrevistados que vivem nos Estados Unidos e 53,2% em Portugal<sup>4</sup> – podemos observar que a maioria desejava entrar para o mercado de trabalho (35,2% EUA e 45,6% Portugal). Outros (28,7% EUA e 20,3% Portugal), montar um negócio na cidade de origem.

Esses dados nos levam a refletir sobre as condições de inserção desses retornados no mercado de trabalho. Durante os anos de emigração, eles não se qualificaram para as novas demandas do mercado brasileiro. As experiências adquiridas no exterior não são comprovadas e, assim, não integram o currículo, o que os deixam em desvantagem em relação a outros concorrentes. Como empreendedores, não possuem conhecimento nem experiência sobre administração, na maioria das vezes desconhecendo o mercado no qual desejam entrar ao abrirem seu próprio negócio (Siqueira, Santos 2012).

Dentre as principais dificuldades relacionadas pelos entrevistados ao retorno estão o receio de não encontrar trabalho com salário suficiente para manter seu padrão de vida (37,2% EUA e 28,9% Portugal) e a dificuldade de adaptação (25% EUA e 23,7% Portugal).

## **6 Estados Unidos e Portugal. Semelhanças e diferenças**

Os fluxos migratórios para os Estados Unidos e Portugal, partindo especificamente da região de Governador Valadares, têm início em datas distintas, mas podemos considerar que as motivações são semelhantes, ou seja, a busca de melhores condições de renda. As redes são elementos fundamentais para a manutenção e intensificação do fluxo para ambos os destinos.

Observa-se uma diferença na utilização das redes. Enquanto que, para os Estados Unidos, a referência a amigos é mais frequente, para Portugal a referência é maior com relação a parentes. Outro aspecto que chama a atenção está relacionado à migração com a família nuclear. Dentre os

---

4 Responderam que ainda não tinham uma posição definida quanto ao retorno 4,5% dos entrevistados de Portugal e 5% dos entrevistados residentes nos EUA.



entrevistados para os Estados Unidos, a maioria (62%) emigrou só ou em companhia de amigos, enquanto que, para Portugal, 32% entraram no país nessas condições, e a maioria (63,5%) entrou com a família nuclear ou parte dela. As dificuldades e os perigos da passagem pela fronteira do México ou mesmo os constrangimentos na Imigração Americana provavelmente são fatores que inibem a viagem em grupo familiar.

Para o emigrante brasileiro, a língua é um dificultador nos Estados Unidos e um facilitador em Portugal. Apesar das diferenças e das situações cômicas ou constrangedoras vividas em função do sentido e do significado das palavras, a leitura e o entendimento do português facilitam as tarefas do cotidiano e a entrada no mercado de trabalho em Portugal. Essa é uma razão da possibilidade de ascensão, mesmo que no mercado de trabalho secundário. Ser vendedora em lojas do Shopping, garçom ou garçonete em restaurantes nas regiões nobres ou turísticas é uma experiência vivida por muitos emigrantes. Já nos Estados Unidos, poucos conseguem trabalhar nessas atividades. Dentre os entrevistados que se dirigiram aos Estados Unidos, apenas 12% declararam conseguir compreender, ler e falar fluentemente o inglês. Essa é uma condição que dificulta a inserção em atividades que exigem interação com o público de língua inglesa.

Lilian emigrou pela fronteira para os Estados Unidos e viveu por seis anos sem documentação. Em 2003, foi deportada; ficou por dois anos e meio no Brasil e emigrou para Portugal com seu filho, que, durante o tempo que viveu nos Estados Unidos, ficou com os avós maternos no Brasil. Em sua entrevista, destaca os constrangimentos vividos nos Estados Unidos, seu retorno e sua vida em Portugal. Atualmente possui documento de residência temporária em Portugal e está aguardando seu documento de residência permanente.

Lá [EUA] eu só conseguia trabalhar como *housecleaner*; aqui [Portugal] eu trabalho na Primax, no shopping. [...] aqui a grana é muito menos, mas dá para viver bem, mas não dá pra juntar dinheiro como lá [...], mas eu prefiro aqui pra viver. [...] eu viajo, passeio com a família, lá tinha medo de sair, num podia ir pra outro estado que era perigoso da Imigração pegar a gente [...], depois do *september eleven* tudo piorou [...]. [...] sim, aqui eu consigo ter mais lazer, posso viajar com meu filho, passear na cidade sem medo, eu tenho documentos, já fui em Salamanca, Madrid [...], aqui a gente passeia mais, tem os parques. [...], lá era mais casa de amigos, festinhas de aniversários e a igreja. (Lilian, 42 anos, EUA e Portugal)

Conforme relata Lilian, a possibilidade de lazer é maior em Portugal. Nesse país, 18,6% apontam viagens, 26,1% cinema e teatro e 19,8% museus como atividades de lazer. Dentre os entrevistados que migraram para os Estados Unidos, 2,3% destacam as viagens, 6,1% cinema e teatro e 2,8%

visita a museus como atividade de lazer. A falta de domínio da língua inglesa e de liberdade de mobilidade, em razão de não serem documentados nos Estados Unidos, são constrangimentos que reduzem as possibilidades de lazer dos emigrantes brasileiros nos EUA mais do que em Portugal.

Outro aspecto que realça as diferenças entre os Estados Unidos e Portugal é a percepção do preconceito. Dentre os entrevistados que emigraram para os Estados Unidos, 68,4% afirmaram não perceber nenhum tipo de preconceito e 72,3% afirmam nunca terem sido vítimas de preconceito por parte dos nativos. Diferentemente, em Portugal, 69,7% afirmaram perceber o preconceito e 52% descreveram situações em que foram vítimas de preconceito por parte dos nativos. O preconceito, muitas vezes, é sutil e exige compreensão da língua e da cultura para ser percebido. A falta de domínio da língua e a pouca integração no cotidiano das cidades, nos Estados Unidos - uma vez que a convivência maior é com a comunidade étnica - são provavelmente as razões da não percepção do preconceito.

Dentre os entrevistados que emigraram para Portugal, as mulheres são as que fazem os relatos mais evidentes relacionados ao preconceito, como podemos observar no depoimento de Lilian.

Eu vivia muito entre os brasileiros [nos Estados Unidos], só compreendia o necessário para o trabalho, muitas coisas eu ia pela lógica [...], assim, meio que adivinhava [risos], mas dava pra ver no jeito de olhar, mas igual aqui [Portugal] eu num vi lá não [...], aqui os homens e as mulheres acham que brasileira veio para cá fazer a vida [...], assim ser prostituta, garota de programa. [...] são muitos, já fui ameaçada por mulher de cliente que só por ser educada já achava que tava querendo roubar o marido. É difícil, a gente tem um jeito diferente, acho que é assim, mais carinhosa no jeito de falar que eles não entendem que é da gente e não que estamos dando em cima. (Lilian, 42 anos, EUA e Portugal)

Outro aspecto que diferencia os dois fluxos é a possibilidade de retorno temporário. Mesmo sem as documentações em dia, por exemplo, e sem um contrato de trabalho que possibilite requerer a residência temporária, entre os que residem em Portugal, muitos retornam para visitar parentes ou atender demandas e necessidades da família na origem, pois acreditam que podem retornar sem problemas. É evidente que existem riscos, mas nada comparado aos constrangimentos, dificuldades e custos de entrada nos Estados Unidos.

## **7 Considerações finais**

Em relação aos grupos estudados, podemos considerar que existem muitas semelhanças e diferenças entre os dois fluxos. Dentre as semelhanças,

destacamos as motivações, o perfil do emigrante e os constrangimentos que vivencia no destino. A utilização da rede se diferencia: para os Estados Unidos, predominam as relações de amizade; para Portugal, de parentesco.

Nos dois destinos, os emigrantes se inserem no mercado de trabalho secundário. O idioma é um diferencial na possibilidade de se obter uma ascensão, mesmo que seja nesse mercado. Nos Estados Unidos, poucos são os que têm domínio da língua inglesa. Em Portugal, apesar de alguma diferença de significado de palavras e utilização dos pronomes, a compreensão é plena. Isso possibilita exercer atividades mais visíveis e que exigem a relação direta com o público. Possibilita, também, perceber o preconceito e a discriminação, pouco percebidos pelos que se destinam aos Estados Unidos. A língua, elemento facilitador para os emigrantes em Portugal, também possibilita maior integração no cotidiano da cidade e acesso a atividades de lazer, como teatro, cinema e museus.

A situação em relação à entrada e à documentação para permanência no país é um fator que marca a diferença desses dois destinos. As dificuldades e constrangimentos para conseguir permissão (visto) para entrada nos Estados Unidos e regularização para trabalho e permanência levaram a maioria dos emigrantes do grupo estudado a viver na irregularidade. Essa condição inviabiliza a possibilidade de exercerem atividades mais visíveis e de transitar livremente pelo território, sem correr riscos de deportação. Diferentemente, em Portugal, devido a acordos governamentais e ao idioma, as condições e possibilidades de regulamentação são maiores. Transitar livremente pelo país e até mesmo visitar outros países, ir ao cinema, teatro e museus são atividades de lazer acessíveis.

Os fatores que influenciam a decisão de retornar ou permanecer não se distinguem em relação aos dois fluxos. A crise econômica, as redes de relações estabelecidas no destino, a situação no mercado de trabalho e as possibilidades de renda no destino são definidores dessa decisão, independentemente do destino.

Seja qual for a origem ou o destino, o emigrante é antes de tudo um estrangeiro que se aventura em um território desconhecido, e que, por mais informações que receba antes de partir, sempre será surpreendido por situações inesperadas. A capacidade de se colocar nesse novo território, permanecer ou retornar depende de condições externas, mas também de como cada um vivencia essa experiência.

## Bibliografia

- Fonseca, M.L.; McGarrigle, J. (2014). «Immigration and Policy: New Challenges After the Economic Crisis in Portugal». Levine, E.; Vereza, M. (eds.), *Impacts of the Recent Economic Crisis (2008-2009) on International Migration*. Mexico City: Universidad Nacional Autónoma de México, 51-75.
- Hall, Stuart (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.
- Maleiros, J. (2007). *A Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI/Observatório da Imigração.
- Margolis, Maxine L. (2013). *Goodbye, Brazil: Emigrantes brasileiros no mundo*. São Paulo: Contexto.
- Malheiros, J. (ed.) (2007). *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 87-111.
- Sayad, Abdelmalek (2000). «O retorno: elementos constitutivos da condição do imigrante». *Travessia*, número especial.
- Siqueira, Sueli; Assis, Gláucia de Oliveira; Campos, Emerson César de (2010). «As redes sociais e a configuração do primeiro fluxo emigratório brasileiro. Análise comparativa entre Criciúma e Governador Valadares». Abreu, Jean Luiz Neves; Espindoloal, Haruf Salmen (eds.), *Território sociedade e modernidade*. Governador Valadares: Univale.
- Siqueira, Sueli (2009). *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno, Brasil; Estados Unidos*. Belo Horizonte: Argvmentvm.
- Siqueira, Sueli; Santos, Mauro Augusto (2012). «Crise econômica e retorno dos emigrantes da Microrregião de Governador Valadares». *Travessia - Revista do Migrante*, 25(1), 70, 27-47.
- Soares, Weber (1995). *Emigrantes e investidores: Redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense* [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.